



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ROSSANA SANTOS LIRA

ETNOGRAFIA DA LINGUAGEM ORAL

CAJAZEIRAS - PB

2009

ROSSANA SANTOS LIRA

ETNOGRAFIA DA LINGUAGEM ORAL

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Dr^a Idelsuite de Sousa Lima.

CAJAZEIRAS - PB

2009



L768e Lira, Rossana Santos.
Etnografia da linguagem oral / Rossana Santos Lira.-
Cajazeiras, 2009.
45f.: il.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de
Professores, 2009.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Etnografia. 2. Linguagem oral. 3. Expressão pública.
4. Ideias - expressão. I. Lima, Idelsuite de Sousa. II.
Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de
Formação de Professores. IV. Título

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelas oportunidades que tem posto em minha vida.

Aos meus pais José Faustino e Josefa de Vasconcelos, por tudo que sou.

Aos meus irmãos Rossélio, Renéc e Renard, por estarem comigo sempre que podem.

Ao meu esposo Valnyr, pela ajuda significativa, incentivo e confiança.

Aos meus filhos Ana Luiza e Diogo, as estrelas que brilham para mim e enchem-me de energia.

A professora Idelsuíte de Sousa Lima, pela orientação, sem a qual este trabalho não seria realizado, pela dedicação e coragem.

A professora Ana Luisa Nogueira de Amorim por ter me ajudado a acreditar e confiar mais nos meus trabalhos.

A Gilda e a Risomar, por terem contribuído significativamente na minha vida e na vida dos meus filhos.

As minhas amigas, Juliana Vieira, Lucineide Maciel, Maria da Conceição e Viviane Ceballos, pela força e amizade.

A diretora da Escola de Ensino Infantil e Ensino Fundamental Costa e Silva, Sirlley Moreira de Abreu, pela receptividade.

A Josefa Nunes Maia, professora da sala na qual desenvolvi a pesquisa e que muito alegre me recebeu.

E em especial, agradeço aos alunos da Escola pelos dias que estiveram comigo e contribuíram para realização desse trabalho.

A vocês, agradeço e dedico este trabalho.

¶ palavra não foi feita para enfeitar;
brilhar como ouro falso;
a palavra foi feita pra dizer.

Graciliano Ramos, 1948.

RESUMO

Esse trabalho é resultado de uma pesquisa de tipo etnográfico realizada em uma escola da rede pública do município de Cajazeiras, com uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental. Privilegiou-se o estudo da linguagem oral pela sua importância para a comunicação e para expressão pública das ideias. A compreensão do desenvolvimento da linguagem oral dos alunos foi feita a partir de uma pesquisa de tipo etnográfico, com base nos estudos de André (2008), utilizando-se como instrumento de coleta de dados a observação participante durante o período de dois semestres letivos. Na pesquisa foi utilizada a observação direta, como elemento para entender o cotidiano da sala de aula, com o intuito de perceber a exposição das ideias e das opiniões dos alunos na realização das atividades. Para análise das informações as contribuições de Vygotsky (2007), Oliveira (2005), Kramer (2002), Fávero (2002), entre outros autores foram significativas. Os resultados indicam que a utilização da linguagem oral dos alunos segue o que Fávero (2002) denomina como par adjacente (pergunta-resposta), em que os alunos tendem a apresentar respostas prontas às questões suscitadas, como também, apresentam um vocabulário caracterizado por palavras soltas, frases curtas e ideias pouco ordenadas. Outro resultado constatado é o de que os alunos que escutam mais se expressam com desenvoltura e escrevem com mais facilidade. Conclui-se que a linguagem oral dos alunos apresenta-se limitada e que a exposição oral de suas ideias reflete na escrita dos seus textos.

Palavras-chave: cotidiano, etnografia, expressão oral.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	10
A VIVÊNCIA ORAL DOS ALUNOS	16
A ORALIDADE E A AÇÃO-REFLEXÃO-AÇÃO	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
PLANO DE AÇÃO	40
ANEXO	42

INTRODUÇÃO

A linguagem oral ou oralidade é a comunicação expressa através da fala e que se apresenta como um importante meio de comunicação. A fala é adquirida naturalmente em contextos informais e nas relações sociais que inicia desde o momento em que o bebê faz seus primeiros contatos, através de balbucios e gestos.

Os gestos e balbucios, assim como os signos orais, escritos, corporais e visuais são considerados também importantes instrumentos de comunicação. Eles nos possibilitam conversar, ler, escutar nossos interlocutores, trocar ideias, ver televisão, ouvir rádio, acessar a internet. Comunicar, expressar e falar uns com os outros por diferentes formas de linguagem.

A linguagem se caracteriza como instrumento de comunicação, como elemento incentivador da expressão pública das ideias e da leitura.

Apesar dessa importância, há pessoas que têm dificuldades de “falar” em público, interagir com o outro, de dialogar, de discutir, refletir e de organizar as ideias para expressá-las publicamente. Tal dificuldade é perceptível também em crianças inclusive na Escola de Ensino Fundamental, mas também é vivenciada por alguns alunos universitários.

Diante dessa dificuldade buscou-se compreender, nesta pesquisa, como a oralidade é vivenciada pelos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública do município de Cajazeiras. Compreender como se dá o processo de aquisição da expressão oral e analisar a oralidade no cotidiano escolar dos alunos foram os objetivos delineados pela pesquisa.

A dificuldade em expressar-me publicamente foi vivenciada por mim ao longo do processo de escolarização. Porém tornou-se mais visível quando ingressei na Universidade e em seguida no Projeto da Monitoria da Unidade Acadêmica de Educação do CFP – UFCG, em 2007. Este projeto tinha como objetivo proporcionar discussões, realizar debates e reflexões sobre conteúdos trabalhados no curso de Pedagogia, entre outras temáticas que caracterizam a formação e a prática docente.

Nas primeiras reuniões do Projeto de Monitoria portava-me como sem voz, sentia-me inútil, tinha medo de falar, parecia que meu aparelho fonador não funcionava. Foi um grande desafio fazer parte desse grupo, pois não tinha o hábito de falar, de expressar minhas ideias para outras pessoas. Nas escolas que havia estudado antes não houve incentivo para falar, para expressar-me publicamente. Aprendi apenas a obedecer, a receber comandos e expor o que já estava estabelecido.

No decorrer do Projeto de Monitoria, aqui referido, tive a oportunidade de visitar algumas creches e pude observar que a linguagem, a fala das crianças é pouco valorizada, apesar de que nesta fase a criança é muito expressiva. Não há um trabalho voltado para incentivar o hábito da expressão oral de forma significativa.

É sabido que toda criança precisa de estímulos para desenvolver a sua linguagem. Para isso é necessário que haja interação, confiança e valorização da fala dessas crianças por parte dos adultos.

Na Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental Costa e Silva, na qual estagiei captei, através de algumas atividades desenvolvidas e de alguns relatos, que há pouco incentivo aos alunos para que se expressem oralmente. Poucas são as atividades em que os alunos trabalham a oralidade, em que apresentam seus pontos de vista, ou que são convidados a emitir opinião de forma mais elaborada.

Assim, a interação ou estímulo para o desenvolvimento da expressão oral é quase inexistente. Não identifiquei situações que valorizassem a linguagem oral, nem a expressão de manifestações da fala das crianças como forma de uso cotidiano.

Por isso, decidi investigar a importância dada à expressão oral dos alunos do 5º ano do ensino fundamental da Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental Costa e Silva. Busquei durante a investigação, compreender e analisar como a oralidade é vivenciada no cotidiano dos alunos.

A realização desta pesquisa proporcionou um aprofundamento teórico a respeito da temática escolhida, que servirá para a vida profissional como futura docente e também para o meu cotidiano, ao reconhecer a importância da linguagem oral para construção da autonomia e da liberdade de expressão.

O presente trabalho está organizado da seguinte maneira: um texto introdutório em que apresento os objetivos, a justificativa e relevância do trabalho; o referencial teórico com a apresentação de concepções dos autores que fundamentaram a pesquisa; os procedimentos metodológicos no qual apresento a metodologia e instrumentos utilizados para realizar a pesquisa. No tópico denominado: A vivência oral dos alunos é analisada a expressão oral dos mesmos durante a participação direta no cotidiano escolar dos mesmos. Em A oralidade e a ação-reflexão-ação, apresento reflexões a respeito de minhas ações como professora estagiária. Por último as considerações finais do trabalho realizado.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa buscou investigar a expressão oral dos alunos do 5º ano, que estudam na Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental Costa e Silva.

Optei por uma pesquisa do tipo etnográfica por está associada a uma abordagem qualitativa, em que leva em consideração a situação analisada e suas interações.

Para André (2008), “a pesquisa do tipo etnográfico, se caracteriza fundamentalmente por um contato direto do pesquisador com a situação pesquisada, permite reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar diária.” (p.41)

Este tipo de pesquisa é considerado uma prática de investigação que descreve a realidade cultural do objeto em estudo, e a construção de uma visão ampla do ambiente pesquisado.

Caracteriza-se por possuir técnicas tradicionalmente associadas à etnografia, trabalhada pelos antropólogos, como: a utilização da observação participante como instrumento de coleta de dados; a ênfase no processo e não nos resultados finais; o contato direto e prolongado do pesquisador com os sujeitos pesquisados.

Para realização da pesquisa utilizei como instrumento de coleta de dados a observação participante, uma vez que, de acordo com André (2008:28) esta técnica de observação “parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetada.”

Esse contato direto do pesquisador com o fenômeno observado possibilita obter informações sobre o cotidiano dos alunos em sala de aula.

A observação participante, ou observação direta (André, 2008) possibilitou entender o cotidiano da sala de aula, com o intuito de perceber a exposição oral das ideias e das opiniões dos alunos na realização das atividades.

Para realizar a observação utilizei um roteiro (Ver Anexo), tematizando sobre as variadas situações de comunicação oral. Este roteiro foi utilizado como elemento do trabalho de campo, através do qual observei minuciosamente o cotidiano escolar dos alunos o que possibilitou a compreensão da oralidade vivenciada por eles.

A coleta de dados realizada através da observação direta durante os semestres 2009.1 e 2009.2, proporcionou-me entender melhor o dia-a-dia dos alunos, as relações e interações estabelecidas pela própria dinâmica da sala de aula.

O roteiro ajudou também no direcionamento da pesquisa não ficando limitada a descrição de ambientes, pessoas e estruturas. Mas o foco da observação foi o processo de aquisição da expressão oral dos alunos e as ideias e opiniões dos alunos.

A ORALIDADE E SUAS CONCEPÇÕES TEÓRICAS

Como forma de entender a linguagem oral, estou tomando como referência a afirmação de Oliveira (2007:149) ao dizer que: “O desenvolvimento da linguagem apóia-se em forte motivação para se comunicar verbalmente com outra pessoa”.

Essa motivação proporciona à criança, desde cedo, utilizar a linguagem oral para se comunicar, seja informalmente ou na escola. Assim, o contato com outras pessoas proporciona através do estímulo e da interação entre criança-criança/criança-adulto um rico repertório de palavras, gestos e comportamentos utilizados no dia-a-dia.

Tais ações compõem os diálogos em sala de aula aprimorando a linguagem oral. Consta no Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998:126) que:

As crianças têm ritmos próprios e a conquista de suas capacidades lingüísticas se dá em tempos diferenciados, sendo que a condição de falar com fluência, de produzir frases completas e inteiras provém da participação em atos de linguagem.

Tal afirmação diz que a participação da criança em diferentes situações sociais, seja na interação com a família, com os amigos e educadores, ou através da leitura, do contato com diferentes meios de comunicação e portadores de textos, contribuirá para o desenvolvimento e ampliação do seu vocabulário, dando sentido ao seu pensamento e suas ideias.

Para Vygotsky (apud OLIVEIRA, 2007:129):

A linguagem permite que o mundo seja refratado na consciência humana por meio dos significados culturais selecionados pelo sujeito e por ele apropriados com um sentido próprio, embora impregnados de valores e motivos sociais historicamente determinados.

Esses significados conduzem a um modo próprio de desenvolver a linguagem, não sendo esta compreendida apenas através da palavra, mas também através dos modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmos.

Nessa perspectiva, consta ainda nos Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil (BRASIL, 1998:137) que: “A fala das crianças traduz seus modos próprios e particulares de pensar e não pode ser confundidos com um falar aleatório”.

Nesse sentido a valorização da fala da criança é fundamental para o desenvolvimento da oralidade. Pois a criança não é uma folha em branco; ela pensa se comunica e formula idéias.

No referente texto (BRASIL, 1998:137) encontra-se também a seguinte afirmação: “A linguagem não é apenas vocabulário, lista de palavras ou sentenças. É por meio do diálogo que a comunicação acontece. São os sujeitos em interações singulares que atribuem sentidos únicos às falas”.

Esse sentido atribuído às falas e à linguagem não se resume apenas à memorização e repetição de lista de palavras. Pois a linguagem é construída nas crianças através das aproximações com o adulto, desde o contato inicial da mãe com seu bebê através do olhar, de um sorriso ou mesmo através de balbucios, proporcionando assim, um dos primeiros momentos de diálogo, de comunicação, de troca de informações do ser humano.

O desenvolvimento da linguagem oral é impulsionado pela necessidade de comunicação. É através das aproximações com o outro, do intercâmbio social entre os indivíduos que ampliamos a representação, a construção e reconstrução da realidade na qual estamos inseridas.

Rego (2007: 49) afirma que: “o ser humano não é só um produto de seu contexto social, mas também um agente ativo na criação deste contexto.”

A linguagem oral se faz importante em todo momento, pois ela é um signo mediador por excelência, carrega em si os conceitos generalizados e elaborados pela cultura humana. Somos seres constituídos de linguagem, aprendemos a falar antes mesmo de ler e escrever.

Nesse sentido Fávero (2002: 13) afirma que: “o ensino da oralidade não pode ser visto isoladamente, sem relação com a escrita, pois elas mantêm entre si relações mútuas e intercambiáveis.”

A língua escrita tem suas especificidades, assim como a linguagem oral, mas uma não se sobrepõe a outra, cada uma possui especificidades e diferentes formas de compreensão, mas não são dissociadas e ao serem trabalhadas se influenciam mutuamente.

Diante da relação oralidade e escrita Freire confirma tal ideia ao dizer que:

A oralidade precede a grafia, mas traz em si desde o primeiro momento em que os seres humanos se tornaram socialmente capazes de ir exprimindo-se através de símbolos que diziam algo de seus sonhos, de seus medos, de sua experiência social, de suas esperanças e de suas práticas.

Somos construídos através do movimento dinâmico entre o pensamento, a linguagem e conhecimento. Quanto mais vivemos integralmente esse movimento tanto mais nos tornamos críticos do processo de ensinar, de aprender, de refletir, de ler, de escrever e de expressar melhor as ideias publicamente.

Segundo Marcuschi (2001: 17):

A fala enquanto manifestação da prática oral é adquirida naturalmente em contextos informais do dia-a-dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauram desde o momento em que a mãe dá seu primeiro sorriso ao bebê. Mais do que a ocorrência de uma disposição biogenética, o aprendizado e o uso de uma língua natural é uma forma de inserção cultural e de socialização.

As situações de comunicação diferenciam-se conforme o grau de formalidade que exigem. E isso é algo que depende do assunto trabalhado, da relação entre os interlocutores e da intenção comunicativa.

Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa e do que se sente. O domínio da linguagem

oral surge do seu uso em múltiplas circunstâncias, nas quais as crianças podem perceber a função social que ela exerce e assim desenvolver diferentes capacidades.

Eleger a linguagem oral como atividade escolar interdisciplinar exige planejamento e vontade para garantir, na sala de aula, atividades organizadas de fala, escuta e reflexão sobre a própria língua. Atividades de produção e interpretação de uma ampla variedade de textos orais, de observação de diferentes usos, de reflexão sobre os recursos que a língua oferece para alcançar diferentes finalidades comunicativas.

A VIVÊNCIA ORAL DOS ALUNOS

Neste capítulo será feito um esforço em compreender como se apresenta a oralidade dos alunos do 5º ano, que estudam na Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental Costa e Silva, a partir de uma pesquisa de tipo etnográfica.

Este tipo de pesquisa possibilita um contato direto do pesquisador com a realidade pesquisada, associada a uma observação participante, por ser um instrumento que permite a construção de interações entre pesquisador e objeto ao longo das participações.

Para analisar a oralidade dos alunos em sala de aula utilizei um roteiro com pontos significativos que permitiram elencar situações vivenciadas pelos alunos com especificidades de expressão oral, através do roteiro busquei perceber: o ambiente de sala de aula e o desenvolvimento da expressão oral; a exposição de ideias com segurança; os meios de estímulo à linguagem; o respeito às ideias dos colegas; as iniciativas e regulação das falas. Apresento a seguir, traços da oralidade vivenciada pelos alunos no cotidiano da sala de aula.

• O ambiente da sala de aula e o desenvolvimento da expressão oral.

Ao chegar à sala fui recebida com presteza e cordialidade, porém, a professora antecipou um questionamento: “Vocês que vem da universidade, com certeza estão preparados e cheios de novidades para trazer pros alunos, não é?”

Naquele momento senti vontade de fugir, mas lembrei de uma leitura realizada na qual Freire (2007) afirma que “fugir ao primeiro embate é permitir que o medo [...] nos imobilize”. (p.42). Decidi então enfrentar e expliquei como seria a minha participação.

A turma bem numerosa, não permitiu no primeiro momento um contato participativo de minha parte. Inicialmente limitei-me apenas a observar e imaginei que os alunos ficariam inibidos com minha presença. São 29 alunos matriculados, com faixa etária entre 9 e 14 anos. Contrariando minha expectativa os meninos seguiram seu dia-a-dia normalmente.

A expressão oral de alguns alunos, meu objeto de estudo, começou a se delinear. Ao invés de momentos de participação oral com vistas a um diálogo sobressaíram-se falas aleatórias, representadas através de conversas paralelas, conflitos, ameaças, agressões físicas e verbais com os colegas. Essa postura dos alunos atrapalhava as aulas constantemente, dificultando o desenvolvimento dos mesmos e a interação da professora com os demais alunos.

Os alunos parecem livres para falar o que bem querem sem uma dinâmica de organização das falas. Essa liberdade dos alunos não se vincula à liberdade de poder expressar as ideias nem de aproveitar as falas para discutir temas a serem trabalhados. Hubert (2003) acredita que deixar a criança “livre não quer dizer solta, perdida ou fora de seu contexto.” (p.70)

Nesta perspectiva, o necessário espaço criado pelas falas dos sujeitos constitui-se como um processo de interação, em que se constrói conhecimento, ao valorizar e reconhecer o saber que o outro possui.

A partir do pensamento de livre expressão acima citado, consta no RCNEI (1996) que, “uma das formas de ampliar o universo discursivo das crianças é propiciar que conversem bastante, em situações organizadas para tal fim.”

A linguagem oral é utilizada para comunicar, seja em situações informais ou formais. Desse modo, a escola é considerada um desses espaços. Nesse ambiente, através da interação com diferentes grupos de pessoas e repertório se enriquece e amplia a ação comunicativa.

Porém, na realidade pesquisada a ampliação desse repertório se resume à memorização de falas a serem realizadas de forma padronizadas. Estas falas costumam representar também situações de agressões verbais com os colegas tanto na sala de aula quanto no recreio.

Diante disso, é necessário que sejam estabelecidas rotinas flexíveis, negociadas com os alunos, como forma de que os alunos se comprometam com as suas atividades.

- **Exposição de ideias com segurança.**

O exercício cotidiano de expressar-se possibilita adquirir “traquejo” e daí passar a uma argumentação que resultará na exposição das ideias com segurança. De acordo com Muniz (2002), “é na relação com o outro, com o social, que os conteúdos dessa aprendizagem adquirem significado para o sujeito do conhecimento.” (p.256)

As atividades desenvolvidas pelos alunos em sala de aula limitam-se, a evocação simples do pensamento, ou seja, na reprodução de perguntas-respostas prontas e padronizadas, sem exigir reflexão às questões suscitadas onde os alunos tendem a permanecer no papel passivo no processo de desenvolvimento da oralidade. A essa forma de expressão Fàvero (2002) chama de par adjacente, ou seja, perguntas diretas a respostas simples.

Nesse sentido, o conhecimento a respeito de um assunto pode ser adquirido através do contato com a família, com os colegas na rua, através da mídia ou na sala de aula. O que possibilita segurança ao pronunciar e participar de um diálogo, como também argumentar sobre uma temática conhecida. Os temas trabalhados só terão sentido para os alunos a partir das relações construídas através do diálogo com a sua realidade. Ao serem problematizadas e consideradas as falas dos mesmos.

A maioria dos textos trabalhados são copiados no quadro o que os deixa cansados ao escreverem. São cópias de atividades para serem respondidas em casa.

Essas atividades constituem-se de textos longos transcritos, sendo estas, realizadas sem que o aluno necessite refletir, questionar e discutir suas ideias. Eles transcrevem os textos longos e logo após a realização dessa tarefa então, são elaboradas questões a serem respondidas sem haver uma discussão prévia a respeito do assunto tratado no texto. Perde-se assim a oportunidade de explorar mais a oralidade dos alunos e de conhecer o aluno tem a propor, a apresentar, a contribuir.

Essas atividades propostas nos exercícios exigem apenas respostas curtas e não dão margem a interpretação. Por exemplo:

Pergunta: 1 - "Quais os estados físicos da água?"

Resposta: " _ Sólido, líquido e gasoso."

Pergunta: 2 - "O que é uma coisa incolor?"

Resposta: " _ Que não tem cor tia?"

As respostas diretas e retiradas da matéria copiada no quadro não dão margem para que na hora da discussão o aluno elabore argumentos para responder. Tais questões limitam o conhecimento do aluno, por não haver reflexão, nem a possibilidade de um diálogo, em que o conhecimento possa ser construído através das interações. Ao contrário, o fato de ter dar a resposta certa, faz com que os alunos, muitas vezes, sintam-se inseguros em responder a determinadas questões.

Para Freire (2007) "ensinar não pode ser um puro processo de transferência de conhecimento da ensinante ao aprendiz. Transferência mecânica de que resulte a memorização maquinal." (p.33)

Nesta perspectiva, no processo de desenvolvimento da oralidade, as respostas dos alunos não devem atender unicamente as questões suscitadas. Diante dessa situação a concepção de linguagem oral adotada refere-se apenas a perguntas com respostas consideradas corretas e padronizadas.

- **Meios de estímulo à linguagem.**

Na realidade pesquisada a oralidade se dá por meio das encenações de diálogos padronizados e memorização de palavras, períodos, textos e letras de músicas apresentadas. As falas são exploradas através de textos com personagens, para que os alunos repitam as falas, e através de músicas, em que os alunos catam repetidas vezes.

Nas atividades de dramatização os textos são decorados para serem citados. Ao serem trabalhadas repetidas vezes os textos, o aluno apresenta segurança na encenação das falas em

situações que necessitem a apresentação das mesmas. Essas apresentações entendidas como peças teatrais realizadas em festas comemorativas da escola são momentos considerados importantes meios de estímulo a oralidade.

Essas situações Fávero (2002) compreende que “alguns entendem linguagem oral com encenação de textos escritos; outros não têm uma concepção clara do que seja a língua falada ou ignoram completamente o que ela seja.” (p.115)

Diante dessa visão, o valor social atribuído à língua escrita refere-se à oralidade como sendo a linguagem falada gramaticalmente correta. Nesse sentido, um dos meios em que é possível considerar a oralidade dá-se através da memorização e repetição de palavras, por meio de cópias, ditados, e encenações.

A oralidade e a escrita geralmente são trabalhadas nas escolas de forma oposta. Sem apresentar para os alunos que ambas são necessárias para organização de textos coesos e coerentes. Apresentar para os alunos que a fala é variada e que há diferentes níveis de fala e escrita, ou seja, diferentes graus de formalidade é importante, mas o que realmente é necessário é dar oportunidade dos alunos se expressarem sem discriminação.

No cotidiano da sala, a escrita e a oralidade não estão intrinsecamente ligadas. As produções textuais, ou mesmo as produções artísticas dos alunos não são consideradas atividades fecundas à problematização, à interação e à organização de diálogos. Mesmo que seja comum os alunos desenvolverem atividades que trabalhem a oralidade ao encenar, cantar e ler, as mesmas não são valorizadas porque a fazem como repetição.

A exemplo disso, o estudo do texto que tinha por título: “Pinote, o fracote, e Janjão, o fortão”, a metodologia utilizada consistia em ler várias vezes, até que eles decorassem as falas. Para realização dessa atividade a sala foi dividida de acordo com os dois personagens do texto. Para os alunos o fato de decorar as falas do texto para fazer a dramatização fez com que a apresentação, ou melhor, a representação tivesse a atenção apenas voltada para pronuncia correta, ou seja, para a estrutura física do texto, não valorizando o significado do texto.

Embora a repetição tenha ocorrido, isto é, o texto foi pronunciado por eles, não houve compreensão do teor do texto. Perguntei então, aos alunos, qual a mensagem tratada no texto e eles não souberam expressar a sua compreensão sobre o mesmo.

As questões suscitadas aos alunos previam as respostas que estavam no texto, por exemplo:

“Pinote era fraco comparado com Janjão, apenas nas características...?”

Os alunos responderam: “_ Pinote era magro e Janjão era gordo. tia.”

“Pinote só ganhou o desafio por que agrediu Janjão ou por que ele foi mais inteligente?”

Os alunos responderam: “_ Porque ele foi mais inteligente”.

E assim seguiu-se o que era chamado de interpretação oral.

Diante dessa situação, Freire (2007) afirma que:

De modo geral, o que se vem fazendo nas escolas é levar os alunos a apassivar-se ao texto. Os exercícios de interpretação da leitura tendem a ser quase sua cópia oral. A criança cedo percebe que sua imaginação não joga: é quase algo proibido, uma espécie de pecado. (p.108)

Essa prática levava o aluno a agir como uma máquina, que ao receber os comandos apassiva-se, torna-se indiferente ao conhecimento e não aprende a emitir opinião. O medo de expressar sua opinião em público vai sendo gerado, não permitindo que ele se torne um aluno que sabe se expressar e questionar. Através das suas curiosidades e do diálogo organizados com atenção é possível desenvolver uma aprendizagem significativa.

- **Respeito às ideias dos colegas.**

No que se refere à organização das falas, para que haja respeito ao que o colega tem a dizer, dificilmente é possível escutar. Essas atitudes não são valorizadas. E esses momentos que

deveria ser considerado um espaço importante para possibilitar a oralidade são atropelados pela falta de atenção ao que o colega tem a dizer.

Como já foi citado no primeiro tópico, os alunos são “livres”. ou seja, falam livremente, mas não emitem opiniões de forma elaborada. Não há regulação das falas dos mesmos no sentido de que cada um aprenda a defender uma ideia. Na sala de aula a oportunidade de fala está sendo confundida com bagunça e falta de atenção aos questionamentos e idéias do outro.

Ao discutir o tema referente à água, o aluno fez o seguinte pronunciamento: “_ Tia, a caixa d’água da minha casa é lavada duas vezes no ano, meu tio é quem lava. Ele coloca um pozinho, para não contaminar a água, não é tia?”

Esse foi um dos poucos momentos em que houve um início de uma discussão mais elaborada sobre um tema comum. A professora comentou a fala do aluno e questionou aos demais sobre a importante contribuição do colega ao tema. Porém a falta de respeito ao que foi exposto gerou apenas muito barulho, a aula não foi conduzida de modo a discutir a respeito do tratamento de água realizado nas casas dos alunos.

Os alunos perderam a oportunidade de conhecer mais sobre o tema, de expressarem suas opiniões. Talvez fosse o momento de organizar uma visita ao centro de tratamento de água da cidade. No entanto, os questionamentos surgem, as ideias são expressas por poucos, mas a falta de atenção da maioria limita a aprendizagem.

Na sala de aula os questionamentos e curiosidades referentes aos temas trabalhados são discretos e pouco valorizados. Essas iniciativas são aproveitadas quando os alunos se dispõem a ouvir e também compartilhar as novidades com os colegas.

Dias (2002), afirma que:

O momento de partilhar também deve estar presente na relação com as crianças e delas entre si. Formar a própria opinião, mostrar sua percepção, contribuir

para aumentar o repertório do outro, compartilhar. Contar as próprias ideias, ouvir as ideias dos outros e, com base nelas, ter novas ideias. (p.190)

A falta de respeito às ideias dos colegas e a atenção mínima ao que a professora tem a dizer dificulta a interação e o diálogo entre professor-aluno-conhecimento.

- **Momentos mais freqüentes de expressão oral**

A turma é constituída de alunos barulhentos e um pequeno grupo de alunas tímidas. Apresenta-se como um campo fecundo para possibilitar diferentes atividades que estimulem a expressão oral de todos, de forma organizada. “Desde que um homem foi reconhecido por outro como um ser sensível, pensante e semelhante a si próprio, o desejo e a necessidade de comunicar-lhe seus pensamentos fizeram-no buscar por meios para isto”. (ROUSSEAU apud CHIAUÍ, 2003:148)

Para alguns professores os alunos se apresentam mais “ativos”, enquanto que para outros eles não passam de alunos “indisciplinados”. A participação dos alunos mais ativos da escola não se constitui em momentos de curiosidades, questionamento ou troca de ideia, mas em apenas barulho. O grupo de alunas tímidas dificultava, segundo a professora, a avaliação de aprendizagem das mesmas.

Independente de tal concepção é possível trabalhar a expressão oral dos alunos a partir das suas vivências, já que partindo delas, a compreensão do tema trabalhado sairá do imaginário para o real. É o que Freire (2007) chama de “partir da realidade do aluno” para que a aprendizagem fique mais clara.

Em uma das aulas de leitura foram utilizadas revistas tipo gibis, com diferentes temas para que os alunos fizessem a leitura em casa e expressassem na aula do dia seguinte seu entendimento a respeito do tema escolhido.

Uma das revistas trazia em seu texto, as diferentes comidas regionais. Logo depois da aluna se pronunciar sobre o respectivo tema, a turma participou e opinou, sobre seus pratos preferidos. Disseram que muitos pratos de outras regiões também eram os pratos mais conhecidos deles.

Um tema comum a todos foi o que abordava sobre a violência. O gibi não trouxe explícito a temática como geradora dos diálogos, mas alguns alunos perceberam que as brigas consideradas por eles “bestas”, sempre terminam em agressões verbais e violência.

Na fala de um deles pude perceber a dificuldade em que sentem em conversar com o colega e saber o motivo que o levou ao desentendimento: “_ As vezes perdemos o amigo porque temos vergonha de pedir desculpas, e pior ainda, é escutar dos colegas que a gente se rebaixou porque pedi desculpas!”

Para uma compreensão possível a respeito da linguagem oral, essa metodologia poderia ter sido trabalhada mais vezes. Para incentivar os alunos a expressar suas opiniões, seus desejos e seus pensamentos. As falas dos alunos apresentam a dificuldade de pronunciar ao colega palavras de gentileza, de companheirismo.

A ORALIDADE E A AÇÃO-REFLEXÃO-AÇÃO

Nesse texto apresento reflexões a respeito de minhas ações como professora estagiária. O Estágio foi o momento esperado com bastante ansiedade, incerteza e muito interesse.

Lembro-me que no início da pesquisa etnográfica, em que observei diretamente a sala de aula e a escola por um semestre, colocava-me imaginariamente no lugar da professora por várias vezes. Imaginava ser uma tarefa difícil, mas de certa forma controlável dependendo das atividades oferecidas aos alunos.

Diante dessa situação Goergem (2005:71) afirma que: “É com base no outro que nos tornamos, no início e ao longo de toda a nossa vida, aquilo que somos. [...] Negar o outro ou destruí-lo é o mesmo que negar a si mesmo.”

Estar no papel de professora estagiária apresentou-se como uma atividade complexa e ao mesmo tempo desafiadora, já que não tinha experiência alguma como professora. Mas tinha sim, algumas compreensões a respeito da profissão docente, na memória, ainda quando aluna do Ensino Fundamental e como aluna, no processo de formação inicial do curso de Pedagogia.

Foram os fragmentos de minha memória, juntamente com as discussões realizadas na Universidade e os relatos e experiências vivenciadas por algumas colegas professoras, que aliadas aos estudos me fizeram refletir sobre cada atividade desenvolvida.

A turma do 5º ano diurno possui 30 alunos com faixa etária entre 10 e 15 anos, havendo 15 meninos e 15 meninas presentes na sala de aula. A Escola de Ensino Infantil e Ensino Fundamental Costa e Silva está localizada no bairro Jardim Oásis, e a maioria dos alunos provém dos bairros próximos a escola como: Vila Nova e Cristo Rei, como também de alguns Sítios circunvizinhos.

Ao apresentar minha dificuldade com relação a expressão oral no texto que introduz esse trabalho, e por perceber que tal dificuldade ainda se faz presente em alguns universitários, o eixo

condutor das aulas realizadas no estágio foi a linguagem oral. A temática foi trabalhada como eixo interdisciplinar, envolvendo os diferentes conteúdos e aproveitando diversas situações da sala de aula.

Nos primeiros dias, o fato de a professora estar em sala comigo dificultava o trabalho com os alunos, pois estes não sabiam para quem conduzir sua atenção. Diante de tal circunstância, combinamos, eu e a professora da turma que as aulas durante o estágio seriam assumidas por mim. Houve exceção de alguns momentos em que a presença da professora se fez necessária, porque determinados alunos se excederam nas brincadeiras e no barulho, desconcentrando os demais alunos e o andamento da aula.

Mesmo diante do medo e das possíveis dificuldades a serem encontradas no estágio, a primeira semana foi proveitosa e muito significativa. As atividades planejadas foram desenvolvidas com satisfação pelos alunos.

Uma das maiores dificuldades encontradas durante todo o estágio foi o trabalho com os alunos após o recreio, pois se os mesmos são inquietos por natureza, afinal são seres humanos e não robôs, estes voltavam do recreio duas vezes mais agitados. Até que eles voltassem a si, a aula estava muito próxima do seu término.

Ao perceber tal situação, estabeleci uma rotina flexível, para melhor organizar o tempo previsto das aulas. A rotina seguiu basicamente este percurso: Leitura e discussão dos textos, o trabalho com os textos nos diferentes conteúdos, realização de atividades de pesquisa e atividades lúdicas, organização das atividades para fazer em casa.

Ao chegar à sala geralmente conversávamos um pouco sobre o que eles tinham feito no dia anterior, já que alguns sentiam a necessidade de comentar fatos ocorridos no seu cotidiano. Muitas vezes esses fatos relacionavam-se com os textos que iríamos trabalhar, facilitando a discussão dos mesmos.

Fazíamos a correção das atividades passadas para casa. Nessas atividades considero ter obtido a participação da maioria dos alunos, não apenas nas atividades escritas, mas, sobretudo na hora que conversávamos a respeito das respostas às questões suscitadas que versavam sobre a opinião deles e não sobre respostas fechadas e diretas. Muitos alunos resistiam em participar das atividades propostas, principalmente as atividades escritas, mas conseguíamos discutir de forma satisfatória.

Os textos facilitavam o envolvimento dos alunos na participação oral. Ao perceber que alguns alunos não gostavam de copiar, procurei instigá-los a falar, a questionar, a relacionar o que estávamos discutindo, para então propor uma atividade escrita. As falas eram limitadas, mas significativas para o momento.

Ao realizarmos a correção das atividades, aproveitei para propor outra atividade, sendo esta não obrigatória e denominada de Registro das Aulas. Nesses registros diários, os alunos iriam anotar “tudo” que acontecia no decorrer das aulas. A ideia de registrar o que acontecia nas aulas ganhou adesão de poucos alunos no início. Os alunos não estavam acostumados a refletir sobre o que estudavam, de registrar o que havia acontecido na aula, o que chamava atenção e o que não haviam compreendido no decorrer da aula.

O registro tinha como objetivos: ativar a memória dos alunos; trabalhar a escrita; como também desenvolver a atenção e a escuta, pois os alunos mais atentos foram os que mais avançaram na realização. Foram esses momentos que me fizeram perceber o desenvolvimento das alunas tímidas, consideradas pela professora. Mesmo sendo a escrita apresentada pela maioria dos alunos que aderiram aos registros, limitadas, mas consideráveis para que percebesse as dificuldades e interesses dos mesmos.

Reservamos alguns dias para criação das capas, e os registros foram transformados em livros que denominamos de Registros das Aulas. Foi o interesse em escrever um livro e o trabalho com a arte das capas para este livro que mais chamou atenção dos alunos, mesmo aqueles que não queriam desenvolver tal atividade inicialmente.

Para Freire (2007:83) “a prática de registrar nos leva a observar, comparar, selecionar, estabelecer relações entre fatos e coisas”.



Imagem 1: Registros das Aulas realizado pelos alunos do 5º ano da escola Costa e Silva no período do estágio 2009.2

A montagem dos livros foi realizada em duplas. Cada aluno, através de uma breve descrição apresentava o registro do outro. A proposta em que o aluno apresenta o trabalho do outro além de estimular a escrita, por meio da descrição das características do colega, foi um meio de fazer com que o este expusesse o seu ponto de vista sobre o colega, pelo qual estava dividindo o livro.

Os Registros das Aulas apresentam a seguinte estrutura: uma capa personalizada e criada pelas duplas; uma breve apresentação do trabalho, em que os mesmos descrevem a importância de terem desenvolvido os registros diários; um pequeno comentário a respeito do meu trabalho, enquanto professora estagiária dos mesmos; a descrição do colega seguida dos registros diários do mesmo.

Os alunos mais atenciosos apresentaram-se como alunos observadores, questionadores e que diante dos questionamentos faziam comparações e participavam com mais interesse pela aula. As alunas citadas acima como alunas tímidas e que não costumavam participar das atividades propostas pela professora, deixou-me surpresa, as mesmas cumpria com todas as atividades propostas e inclusive com os registros diários das aulas.

Seria pretensão minha querer que todos os alunos tivessem esta postura, mas posso considerar que uns poucos possuem, mesmo que limitada, uma inclinação para o desenvolvimento de tal postura.

A partir dos registros foram percebidas algumas dificuldades com relação à ortografia e a estrutura de um texto. A partir daí trabalhamos a noção de parágrafos, de nomes próprios, o uso das letras maiúsculas e minúsculas no texto, como também o vocabulário.

A exploração do uso da ortografia e do vocabulário foi trabalhada de forma que os alunos compreendessem a existência de diferentes variações lingüísticas. Não corrigia as palavras pronunciadas por eles consideradas gramaticalmente “erradas”, mas as pronunciava corretamente para que eles conhecessem a língua culta.

Apresentei para os alunos que seria interessante que eles conhecessem a oralidade e a escrita, não apenas como a forma correta de falar e escrever as palavras, já que não existe erro na língua ou no modo de expressar-se. Mas que eles percebessem que a oralidade é tão importante quanto a escrita, uma vez que a escola valoriza a forma escrita bem mais que a expressão oral dos mesmos.

Segundo Marcuschi (2001):

Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas lingüísticos nem uma dicotomia. Ambas permitem a elaboração de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais. (p.17)

Sendo assim, apesar da fala dos alunos refletirem na sua escrita, não temos o direito de negar as diferentes variações lingüísticas, e agir de forma preconceituosa. Nem tampouco deixar de apresentar novas formas e variações da língua. Não apresentar essas variações é permitir que os mesmos sejam ainda mais excluídos e marginalizados, pois as características individuais como o modo de falar e agir, de pensar, de sentir, como também a visão do mundo, depende da interação que estes têm com seu meio físico e social.

Trabalhamos com textos todos os dias. A maioria dos textos foram selecionados de forma a serem explorados nas diferentes disciplinas, a exemplo da letra da música de Milton Nascimento: “Notícias do Brasil”. A partir desse texto vimos noções de como o Brasil encontra-se dividido, as regiões e as sub-regiões, como também na organização do mapa com as suas regiões e estados, construímos e montamos com a representação das regiões em forma de um grande quebra cabeça.

Além da letra da música trabalhar esses aspectos, como as divisões das regiões e estados, apresentava algo que nos fazia perceber que o Brasil não era somente litoral, que o Sertão apesar das dificuldades enfrentadas pela seca, também apresentava belezas significativas. Tema este que proporcionou uma exposição a respeito do que os alunos pensavam sobre o lugar que eles moravam.

Mas no momento da discussão, a maioria dos alunos não sabia o que seria litoral e sertão. Os alunos não gostavam quando a professora trabalhava História e Geografia. Apenas as matérias consideradas por eles “normais”, como: Português, matemática e um pouco de ciências, já que esta apresentava o nosso corpo. Diziam que ao estudar História e Geografia os conteúdos pareciam distantes de sua realidade.

Por ser o período do estágio muito resumido, uma de minhas falhas foi não ter explorado mais as disciplinas menos atrativas para eles como Geografia e História. Procurei trabalhar nessas disciplinas com textos informativos, músicas, roteiros para pesquisa e estudos dirigidos.

Considerando a resistência dos alunos para discutir História e Geografia utilizava os roteiros para pesquisa. Os roteiros funcionavam da seguinte forma: distribuía a sala em pequenos grupos, com diferentes livros do 5º ano, já que os alunos não tinham os livros didáticos, e ao terminarem a pesquisa, em sala, os grupos comentavam cada tópico do roteiro e só assim conseguia que eles apresentasse o tema estudado.

No momento de revisão das atividades trabalhávamos com a reestruturação dos estudos dirigidos, atividades em que os alunos diziam ser difícil de encontrar. Na visão deles “as respostas as perguntas não estavam iguais as dos livros”. Os alunos estavam habituados a responder a

questões diretas, sem que os fizessem refletir, questionar, emitir uma opinião a respeito de determinado assunto. Fizemos também gincanas e brincadeiras como: o repolho, sendo estas consideradas pelos alunos "diferentes" e "muito legais". Vale salientar na realização tais brincadeiras não havia premiação.

Nas atividades de matemática utilizei bingos, jogo da roleta, que enfatizava o trabalho com as operações matemáticas, com o jogo das divisões, situações problemas, sendo estas situações exploradas a partir dos textos explorados nas aulas e questões do cotidiano dos alunos.

Utilizamos materiais como: caixa de perfume, bola, rolo de papel, chapéu de aniversário, entre outros, para conhecer as noções de sólidos geométricos, além da dobradura e o Tangram, um jogo voltado também para o conhecimento e ampliação das formas geométricas.

Em uma das aulas trabalhamos a letra da música: "Era uma vez" de Sandy e Junior. Muitos comentários fizeram a respeito da letra, já que esta eles conheciam bem. Por ser uma sala que os alunos apelidam os colegas e muitas vezes aconteciam algumas agressões, foquei os textos para que trabalhássemos muito o respeito, a amizade, o diferente, as regras de convivência entre outros temas.

Na letra da música acima citada foquei a importância que devemos dar aos nossos amigos, aos lugares de onde viemos e o lugar de onde vieram os nossos colegas. Após as exposições pedi para que eles parassem um pouco e viajassem na imaginação e em seguida desenhassem um lugar no meio do nada, um lugar que naquele momento eles gostariam de estar, ou um lugar desconhecido, um lugar em que eles acreditavam se sentir bem.

Os desenhos foram diversos, a imaginação fluiu. Apesar de alguns reclamarem que não sabiam desenhar, os desenhos ficaram muito bons. A maioria desenhou o sítio dos avós, com açudes e muitas árvores, outros desenharam sua própria casa, outro, viajou para um castelo em que ele era o rei, e outro, desenhou um lugar bem diferente dos demais, que foi um campo de futebol. Cada aluno foi indagado sobre o desenho que fez.

A medida que os desenhos iam sendo expostos, os comentários iam surgindo sobre os diferentes lugares, as diferentes formas de desenhar uma casa, os gostos, os desejos, os sonhos. E aproveitando as diferentes formas de desenhar, fizemos com que eles percebessem a presença dos sólidos geométricos e da matemática nos desenhos e no cotidiano deles.

Assim como esse desenho, os demais textos foram explorados de forma a apresentar aspectos da História, da Geografia, da Arte, da Natureza e do Corpo, do cálculo, da escrita e da leitura. Foram trabalhados os valores, o respeito, a solidariedade, entre outros aspectos considerados importantes para o desenvolvimento do aluno.

Os alunos me chamavam de “louca”. Diziam que “nunca viram misturar Português com Matemática, com História, com Ciências”. Mas acredito ter apresentado pra eles que os conteúdos se entrelaçam, que não é fácil compreendê-los de forma desarticulada, sem relacioná-los uns com os outros e principalmente com suas vivências.

Certa aluna perguntou-me por que eu não pedia para eles conjugassem verbos. Nesse momento lembrei-me da professora que trabalhou verbos quando eu fazia o Ensino Fundamental. Ela passava aquelas listas enormes de verbos para que eu conjugasse, ou melhor, para que eu copiasse.

Passei o meu exemplo para ela e disse que daquela maneira o estudo dos verbos não tinha feito nenhum sentido pra mim, já que antecipadamente víamos aquelas listas de verbos sem conhecer as noções a respeito do tema, sem trabalhá-lo de forma que fizéssemos compreender seu uso nos diferentes contextos da sala de aula e do nosso dia-a-dia. A aluna compreendeu perfeitamente a intenção.

Geralmente os alunos faziam propostas do que queriam estudar e como queriam. Nem sempre era possível aceitar as propostas a exemplo das listas de verbos conjugados. Mas algumas vezes foi possível sim, utilizar a ideia das atividades propostas por eles.

Em um desses dias pediram para que trabalhássemos com ditado. Eu já havia percebido a limitação dos mesmos a respeito do vocabulário e através dos registros, em que um dos alunos trocava a letra "P" pela letra "B" nas palavras. Então, foram selecionadas algumas palavras utilizadas no dia-a-dia deles, inclusive palavras iniciadas pela letra "P" como também pela letra "B". Ao começar a ditar as palavras, após umas seis, um dos alunos percebeu o nível das palavras e disse:

"- Essas palavras tão muito fáccis, difícil é paralelepipedo".

Ao terminar, os alunos foram chamados para colocar a palavra escolhida no quadro. Na hora que estava ditando as palavras o silêncio foi esplendido e a atenção dobrada, já que foi uma atividade escolhida por eles. Percebi que o aluno só trocava a letra "P" pela letra "B" quando a escrevia de forma aligeirada e sem dar atenção ao que está sendo feito, mas no quadro, escrevia corretamente. Chamei a atenção do mesmo e ele concordou com o que falei e disse: "- As vezes escrevo sem saber nem o que é que tô escrevendo".

Na sala existe um grupo de alunas com faixa etária entre 13 e 15 anos, que durante as minhas primeiras observações pude perceber que elas não participavam das aulas, não interagiam com os demais alunos da sala e dificilmente realizavam as atividades da sala. Ainda durante as observações procurei fazer amizade com as meninas e nos horários de recreio conversávamos sobre a escola, sobre as nossas vidas, nossos gostos, entre outros assuntos.

Assim, ao chegar à sala, agora como professora, percebi a ansiedade com que as mesmas esperavam as minha aulas. Uma grande responsabilidade para mim, já que eu sentia que não podia desapontá-las. Uma das alunas me fez lembrar como eu era na idade delas, falava pouco e escrevia menos ainda. Assim rememorei minha timidez, que está sendo trabalhada com a ampliação e a minha participação em diferentes contextos sociais, inclusive o contexto universitário.

Através dos escritos dessas alunas fiquei sabendo que as mesmas tinham vergonha de falar publicamente para os colegas. Vi também que elas tinham gostado da forma como realizei as atividades, ao trabalhar a realidade delas nos textos. O fato de ser clara, "falar a língua delas", e

respeitar o pouco de fala e escrita das mesmas concorreu para que eu conquistasse a atenção e o interesse dessas alunas.

Na análise das observações comentei sobre a dificuldade que a professora tinha em trabalhar na sala, em consequência dos vários momentos de agressões físicas e verbais realizadas entre os alunos. Mas acredito que através dos diferentes textos trabalhados como já comentei, essas agressões foram um pouco superadas.

Ao explorar os textos reflexivos fazia com que os alunos se sentissem tocados. Relacionava o teor dos textos as ações deles consideradas desordeiras, desrespeitosas, preconceituosas e humilhantes não só com seus colegas de sala, mas com os pais, irmãos, com os professores, com o ser humano de forma geral.

Diante disso, não esquecerei o primeiro dia em que trabalhamos um texto de autor desconhecido que tinha como título: Compreender antes de julgar. Um dos alunos pronunciou-se diante das discussões e falou: “- Professora agora que to escutando essa história, lembrei da minha mãe. Acho que julguei ela, quando ela me disse sábado que não ia comprar um celular pra mim naquele dia, já que tinha a feira e outras contas pra pagar. Acho que não compreendi ela e gritei com ela dizendo que só queria se fosse naquele dia. Acho que quando chegar em casa vou conversar com ela.”

Comentamos a atitude dele. Outros também disseram que já tiveram tal atitude, mas que não fariam mais. Se vão fazer ou não, não saberei, o que sei é que para o primeiro dia de aula a exposição do aluno foi muito significativa.

Muitos textos facilitaram a exposição oral dos alunos. Eles expressaram seus sentimentos, suas angustias, expuseram sem medo de que suas “poucas falas” valessem “notas baixas”.

Durante o período em que estagiei houve uma preocupação intensiva da escola com a Prova Brasil. A prova tinha por objetivo avaliar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema

educacional, a partir de testes padronizados com questões de Língua portuguesa e questões de Matemática.

Como o objetivo da prova é avaliar (medir) o ensino, considerei que a avaliação deveria ter sido um processo contínuo, em que a professora ao longo do ano letivo iria avaliar o desenvolvimento dos alunos de modo geral. E não, deixar para trabalhar modelos do instrumento de avaliação para alcançar rendimentos positivos no mês que antecedia a participação dos alunos no processo.

Os alunos se sentiam perdidos ao receber os modelos das provas, pois tanto as questões de Língua Portuguesa quanto as questões de Matemática, apresentavam enunciados que necessitavam leitura, atenção e reflexão.

No período do estágio trabalhei bastante texto com os alunos, os mesmos não tinham o hábito de ler, por isso, escolhi textos curtos, mas que estivesse dentro do contexto. Os textos foram discutidos oralmente, instiguei os alunos a falar sobre os temas trabalhados, porque a minha preocupação era com a expressão oral e escrita e não com a prova. Mas acredito que o fato de ter explorado bastante a interpretação oral dos alunos através dos textos, tenha facilitado a compreensão das questões no momento da prova.

Outro tema importante foi o que trabalhamos uma história real, de uma criança de 9 anos que trabalhava o dia inteiro no corte da cana para ajudar os pais e não podia realizar o seu maior sonho que era estudar. Na discussão desse texto os alunos disseram conhecer seus direitos e seus deveres. Comentaram a respeito dos seus direitos e se os mesmos cumpriam com seus deveres. Trabalhamos também o cotidiano deles. Ao fazer uma produção de texto e uma exploração oral a respeito do seu cotidiano, consideraram a atividade muito fácil. Essa facilidade citada pelos alunos se deu por estes descrever a respeito de algo do conhecimento deles.

Através dos textos e diante das atitudes dos alunos no decorrer a aula conversávamos sobre regras, sobre respeitar as regras impostas pela escola, que nos faziam bem, como por exemplo: obedecer o sinal de entrada na sala, o uso do uniforme, como também discutíamos sobre algumas

regras que os mesmos achavam injustas, como: ficar sem recreio, não poder ir tomar água sempre que queriam, não poder sair escola na hora do recreio.

Diante dessa realidade apresentada procurei analisar o estágio como uma vivência, como uma reflexão a respeito das contribuições dos alunos, das suas participações, das suas resistências, das suas inquietações para minha vida particular e principalmente uma possível atuação como docente.

A partir dessas diferentes realidades, dos momentos de alegria, dos desafios encontrados, pois nem sempre minhas aulas foram executadas de acordo com o planejado, acredito que para ser professora não basta “querer”. Mas antes de tudo “ser” uma pessoa aberta para “conhecer”. Não digo aqui conhecer apenas os conhecimentos científicos, mas conhecer e reconhecer o outro, através de suas vivências, de suas histórias, de suas experiências.

Ser professor é refletir diante das ações e muitas vezes se colocar no lugar do outro. Respeitar e mostrar que o professor também precisa ser respeitado.

Poderia ter feito mais pela turma. Entretanto, acredito que o pouco que fiz terá significado na vida de alguns alunos, que nos momentos mais difíceis não me deixaram desistir e mostraram que aqueles momentos não foram significativos apenas para mim.

O mais importante de tudo é que fiz com que eles percebessem que não devem silenciar, ou melhor, ter medo de expor o que pensam e sentem a respeito de determinado assunto ou pessoa. Mas, também não devem humilhar, oprimir, ridicularizar ninguém. Reconhecer a fala do outro e estimular para que essas pessoas se expressem com mais desenvoltura. Respeitar, aqueles que se apresentam de forma tímida, mas com particularidades significativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa de tipo etnográfico, considerada um importante tipo de pesquisa, por nos colocar em contato direto e por tempo indeterminado com a realidade pesquisada, possibilitou uma melhor compreensão das falas dos alunos no contexto da sala de aula. O período de coleta de dados que durou um semestre letivo, através de uma observação participante, proporcionou uma melhor análise dos dados e contribuiu significativamente para o período do estágio.

Os espaços de convivência cotidiana como a família, os grupos de amigos, a igreja, entre outros espaços são significativos para ampliação da expressão oral, mas que estes não são suficientes para garantir ao aluno, a construção de conhecimentos formais sobre a exposição oral das ideias e a construção de argumentos.

A linguagem oral é importante para o desenvolvimento comunicativo do aluno. Esse meio de comunicação proporciona a ampliação do repertório oral e escrito, ao serem trabalhados paralelamente em atividades educativas organizadas e planejadas para perceber o desenvolvimento em conjunto tanto da linguagem oral como da linguagem escrita.

Conclui-se que na escola, as falas dos alunos apresentam-se limitadas e que a exposição oral das ideias deles reflete na escrita de seus textos. Outro elemento destacado é que a língua oral e escrita são trabalhadas de forma dissociadas. Não há interesse em explorar a expressão oral dos alunos, fazer com que os mesmos possam emitir suas ideias e opiniões. A escrita é super valorizada, a ponto de não considerar o desenvolvimento oral e expressivo do aluno como um processo avaliativo.

Este considerado na minha concepção fundamental para o desenvolvimento e ampliação do repertório linguístico. A oralidade não pode caminhar sem a escrita, ambas constituem-se como elementos de grande valor para o desenvolvimento da aprendizagem de um modo geral, pois elas podem ser trabalhadas nas diferentes disciplinas e em diferentes contextos.

A oralidade apresentou-se como uma temática pouco trabalhada na escola, apesar de ser uma atividade de grande relevância para os usos que fazemos dela nas diversas circunstâncias sociais, sejam elas formais ou informais.

A escola não valoriza a importância da linguagem oral ou oralidade, esta é trabalhada sem ter o conhecimento da sua importância. Fala-se em linguagem oral sem ter a consciência de sua estrutura, de suas regras e princípios, de suas funções, diferenças e semelhanças. A linguagem é empregada sem o interesse de conhecê-la, para assim trabalhá-la com segurança.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli E. D. *Etnografia da Prática Escolar*. Campinas: Papirus, 2008.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia: a linguagem*. São Paulo: Ática, 2003.
- DIAS, Karina, Sperle. Formação Estética: Em busca do olhar sensível. In: KRAMER, Sonia (org.). *Infância e Educação Infantil*. Campinas: Papirus, 2002.
- FÁVERO, Leonor Lopes. et al. *Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Professor Sim, tia Não: cartas a quem deseja ensinar*. 18 ed. São Paulo: Olho d'Água, 2007.
- GOERGEN, Pedro. Ética e educação o que pode a escola? In: LOMBARDI, Claudinei e GOERGEN, Pedro (orgs.). *Ética e Educação: reflexões filosóficas e históricas*. Campina: Autores associados: HISTDBR, 2005. pp: 59 – 95.
- HUBERT, Ana Karina. Teia do conhecimento. In: FERREIRA, Gláucia de melo (org.). *Palavra de Professor (a): Tateios e reflexões na prática da pedagogia Freinet*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- MACUSCHI, L. A. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- MUNIZ, L. Naturalmente criança: A educação infantil de uma perspectiva sociocultural. In: KRAMER, Sonia (org.). *Infância e Educação Infantil*. Campinas: Papirus, 2002.
- OLIVEIRA, Zilma Ramos de. *Educação Infantil: fundamentos e métodos*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção Docência em Formação).
- REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- RIBEIRO, Roziane Marinho. *A construção da argumentação oral no contexto de ensino*. São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção linguagem & lingüística)

PLANO DE AÇÃO

O estágio é mais um momento de aprendizagem e socialização do conhecimento. Através dele é possível integrar o processo de formação na Universidade com o trabalho na sala de aula, de forma a considerá-lo como objeto de investigação e análise.

Para Barreiro (2006) o estágio é “um lugar por excelência para que o futuro professor faça a reflexão sobre sua formação e sua ação, e dessa forma possa aprofundar conhecimentos e compreender o seu verdadeiro papel e o papel da escola na sociedade.” (p.90)

Neste sentido a teoria-prática não ocorre de forma estanque, mas como movimento de integração, intrinsecamente relacionados.

No período 2009.1 iniciei a participação na Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental Costa e Silva, na turma do 5º ano do Ensino Fundamental, com o objetivo de investigar através de uma pesquisa de tipo etnográfico a oralidade dos alunos.

Utilizei como instrumento de coleta de dados a observação participante com vistas a participar diretamente da sala de aula.

A pesquisa de tipo etnográfico compreende um trabalho de campo em que o pesquisador se aproxima de forma gradativa da realidade pesquisada. Desse modo, o contato com o cotidiano escolar não aconteceu apenas no estágio, mas desde o processo de iniciação da pesquisa.

O estágio dar-se-á a partir da realização de um trabalho interdisciplinar tendo como eixo condutor a oralidade.

Objetivos

- Realizar atividades que tenham como fio condutor a expressão da linguagem oral;
- Possibilitar momentos de discussão, de modo que o colega respeite a organização das falas;
- Desenvolver a comunicação oral por meio da exposição de ideias dos alunos;

- Incentivar a comunicação oral através da aproximação do conteúdo trabalhado em sala de aula com o cotidiano dos alunos;
- Estabelecer relações entre a fala e a escrita, com o desenvolvimento do trabalho dos conteúdos.

Metas

- Organizar situações problemas que envolvam o estudo da matemática com o cotidiano dos alunos;
- Realizar questionamentos a partir de um texto base;
- Construir atividades que possam relacionar o estudo das diferentes disciplinas;
- Construir jogos que facilitem o entendimento do conteúdo estudado.

ANEXO

Roteiro da observação:

- Expressão dos no decorrer da aula;
- Iniciativas e regulação das falas dos alunos;
- Respostas coerentes às questões suscitadas;
- Exposição de ideias com segurança;
- Respeito às ideias dos colegas;
- Argumentos claros em torno do assunto;
- Ambiente proporciona estímulo e segurança à expressão oral;
- Momentos mais frequentes de expressão oral;
- As dúvidas são tiradas no momento da explicação ou diretamente com o professor.
- Meios de estímulos da linguagem oral.